

ALINHADA
NEGRA

A Linha Negra

© Mario Teixeira, 2014

Editora

Editora assistente

Estagiário

Glossário histórico

Preparadora

Coordenadora de revisão

Revisoras

Lígia Azevedo

Carla Bitelli

Alexandre Cleaver

Sara Cristina de Souza

Vanessa Carneiro Rodrigues

Ivany Picasso Batista

Cláudia Cantarin, Bárbara Borges

Arte

Projeto gráfico

Capa

Coordenadora de arte

Assistente de arte

Estagiária

Diagramação

Tratamento de imagem

Estúdio Insólito

Zé Azevedo, Thatiana Kalas

Soraia Scarpa

Thatiana Kalas

Izabela Zucarelli

Ludo Design

Cesar Wolf, Fernanda Crevin

CIP-BRASIL, CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

T266L

Teixeira, Mario, 1968-

A Linha Negra / Mario Teixeira ; ilustração Allan Alex.

- 1. ed. - São Paulo : Scipione, 2014.
200 p. : il. - (Matrizes)

Inclui apêndice

ISBN 978-85-262-9271-0

1. Paraguai, Guerra do, 1865-1870 - Literatura infantojuvenil.
2. Literatura infantojuvenil brasileira. I. Alex, Allan. II. Título.

13-07220

CDD: 028.5

CDU: 087.5

ISBN 978 85 262 9271-0 (aluno)

ISBN 978 85 262 9272-7 (professor)

Código da obra CL 738550

CAE: 503902 AL / 503903 PR

2014

1ª edição

1ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Scipione, 2014

Avenida das Nações Unidas, 7221 - CEP 05425-902 - São Paulo, SP

Atendimento ao cliente: 4003-3061 - atendimento@scipione.com.br

www.scipione.com.br

IMPORTANTE! Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livrarias, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



A LINHA
NEGRA

MARIO TEIXEIRA

Ilustrações
Allan Alex

editora scipione

SUMÁRIO

Nota do autor

7



PRÓLOGO

9

PARTE I

14

PARTE II

124

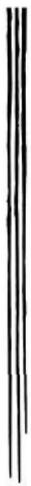


Post scriptum

187

Glossário histórico

189



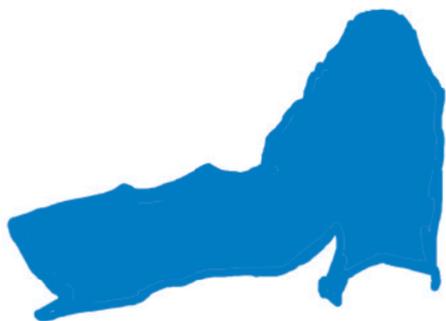
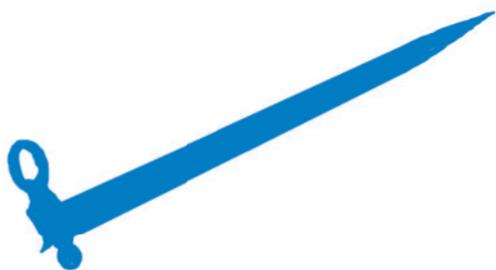
NOTA DO AUTOR

Quando estourou a Guerra do Paraguai, no final de 1864, a independência do Brasil era recente. Éramos um país adolescente, as fronteiras eram frágeis e movediças, nossos soldados eram praticamente imberbes. Passamos sem grandes conflitos pela Independência e, mais tarde, pela proclamação da República. Se houve tiros, foram esparsos. Mas a Guerra do Paraguai foi diferente: houve milhares de mortos de ambos os lados. O Brasil ganhou cicatrizes.

Poucos escritores se debruçaram sobre a campanha. Mesmo Machado de Assis, contemporâneo do conflito, mal se referiu ao assunto em seus contos e romances. Como continuar ignorando passagem tão importante da nossa história?

Richard Burton, Obá, Hermes da Fonseca, Floriano Peixoto, Osório, conde d'Eu, Chico Diabo, Solano López, Francisca Garmendia e Dorothea Duprat viveram e testemunharam a guerra. Os demais — Casimiro, Anzol, Ferrujão, Felinto, Tobias, Orlando — são invenção; porque, como escritor, acho que a ficção, mais do que a história, pode abolir as fronteiras do tempo.

Um abraço,
Mario Teixeira



PRÓLOGO

Casimiro tinha o casaco em trapos. O golpe que tanto doera atingira-lhe os quartos. O sangue encharcava suas calças, e a manga da camisa ficara nas mãos do agressor, um guarani espadaúdo que golpeava girando os braços feito uma vaca louca. Tudo o que ele queria era fugir. Não fosse um buraco no chão, teria conseguido. Era uma trincheira cavada na terra pantanosa. As bordas da vala cederam com seu peso, e lá ele ficou, ensurdecido pelo estampido das **clavinas*** e das explosões de **obuses**.

Assustado, o moço se acomodou entre dois corpos que já exalavam mau cheiro. Verificou que um deles tinha botas e pensou que, se escapasse dali, as levaria com ele. As suas estavam imprestáveis, as solas haviam ficado nas poças de água insalubre. Permaneceu bem quieto, receando que o enorme caboclo viesse atrás dele, mas o bruto decerto fora surpreendido pela massa humana e obrigado a recuar. Fechou os olhos, como se isso impedisse que fosse morto.

Lá em cima o ruído cessou como o refluxo da maré. Casimiro suspendeu a respiração porque já conhecia bem o rumor da guerra. O silêncio que se fazia depois de um combate era mortal.

Com medo, acomodou-se o melhor que pôde, quando foi surpreendido por um ruído seco: era um corpo que caía.

* As palavras destacadas na ficção remetem ao glossário histórico, que se encontra a partir da página 189. (N.E.)

Mesmo na escuridão, entreviu a farda verde. Estava sozinho com o inimigo. A vala tinha mais ou menos dois metros de profundidade, um pouco menos de largura.

— *Ay, mi pierna* — resmungou o paraguaio, tentando enxergar no escuro.

Casimiro sentia-o tatear, aproximando-se às cegas, e empunhou a **baioneta**.

O clarão de uma detonação tardia iluminou a trincheira. Um halo de luz envolveu os dois. Casimiro pôde ver os cabelos longos e a testa pronunciada de índio do outro. E foi tudo. O homem se jogara contra ele, dando cabeçadas e socos. Lutaram como serpentes, enrodilhados no chão. Antes que o inimigo, aferrado à espingarda, tivesse chance de atirar mais uma vez, foi alcançado por uma joelhada entre as pernas. O guarani cedeu com um grunhido animalesco, mas ainda sacou um punhal, com o qual tentou sangrar Casimiro em golpes rápidos e cruzados.

— *Macaco* — grunhiu o soldado paraguaio, arfando.

A lâmina comprida cortou o ar, silvando como vento. Casimiro esquivou-se, mas ainda assim foi ferido duas vezes. Um dos golpes rasgou seu casaco na altura do peito. O sangue assomou pelas dobras da roupa. Casimiro sentiu-se desfalecer e caiu de joelhos. O rival se deteve. Não tinha sido um golpe mortal, o brasileiro decerto preparava o revide. Casimiro de fato tentou se levantar, mas as pernas não obedeceram. Seu corpo parecia ser de outra pessoa. Sentiu uma dor lancinante, muito maior que a ardência das estocadas do inimigo. Ouviu o som de um gemido cavo e constatou, surpreso, que vinha dele mesmo. Era um gorgolejo, um engasgo, como se algo forcejasse por sair de dentro dele. Urrou de dor, e o paraguaio não hesitou mais. Casimiro estava ferido e ia morrer. O aço do punhal erguido brilhou como uma estrela, refletindo uma luz leitosa que assomou do céu. Era a lua, cheia e branca como o bojo de um prato. Casimiro piscou, ofuscado. A mão do inimigo subia e descia. Sentiu agulhadas nos braços, repetidas como chicotadas, mas a aflição que sentia era inversa aos gol-

pes: doía de dentro para fora. Sua pele começou a queimar, os ossos estalavam, espetavam-lhe os órgãos como lanças, a floravam à pele. “Acabou-se, eu morro.” O paraguaio agarrou-se a ele, puxando-lhe os cabelos e, fazendo-o dobrar a cabeça para trás, torceu o pulso e mirou a veia grande do pescoço com o punhal.



Na manhã seguinte, a luz do sol nascente feriu os olhos de Casimiro como uma faca de ponta. Recordando onde estava, ergueu-se num salto e viu, ainda meio desequilibrado, o corpo do paraguaio.

O morto jazia num canto da vala, sem os braços, a metade do rosto arrancada. Casimiro tropeçou em algo pesado. Era uma perna, o pé calçado numa surrada alpercata de couro. Instintivamente, procurou o resto do corpo. Um dos braços estava a dois passos dele, a mão ainda segurando o punhal.

Casimiro sentiu engulhos. Quem ou o que havia feito aquilo?





PART E II



Salvador, Bahia, 5 de janeiro de 1865

A menina estava encurralada. O sinhozinho era terrível! Ela negaceava, tentava se safar, mas ele era ligeiro que nem um pardal!

— Um beijo, Conceição, um cheiro só!

Conceição riu. No final das contas, quem tinha o poder era ela. Casimiro, filho caçula do comendador Eleutério Benato Neves, era danado, mas era homem! E com homem ela sabia lidar. Já tinha completado 16 anos, era mulher feita.

Com um repelão, a moça o tirou do caminho, porém ele a alcançou antes que abrisse a porta.

— Só passas com um beijo!

— Estou atrasada, sinhozinho! Se a sinhá me pega, vou dormir de couro quente!

Casimiro beliscou a nádega direita da moça e a envolveu num abraço. Por um instante, Conceição se deixou ficar, embalada por aqueles braços magros, mas decididos.

— Um cheiro então, Conceição, só um cheiro! Eu te dou uma moeda!

Ela se desembaraçou, interessada.

— Uma moeda? De verdade?

Ele tirou do bolso um cobre azinhavrado, que ela pegou e colocou entre as fraldas da camisa de algodão grosso.

— Não é de fantasia, como aquele outro que vossuncê me deu outro dia? — perguntou ainda, desconfiada.

— Não, é de verdade! O pai pega na casa bancária!

Ela ainda hesitou.

— Jura pela alma da senhora sua mãe?

Casimiro beijou os dedos em cruz.

— Juro! Agora o beijo!

Conceição afastou a mão dele de sua cintura.

— Está bem! Mas sem relar!

O rapaz cruzou as mãos atrás das costas. Ela ofereceu os lábios. Casimiro a beijou com sofreguidão, tentando enfiar a língua por entre os dentes brancos. Ela retribuiu, até que ele estrebuchou e ficou arfante.

— O que foi? O sinhozinho está bem? Pelo amor de Deus!

Casimiro ainda estremeceu um pouco. Nunca tinha sentido nada parecido. Quando eles se separaram, havia uma mancha úmida entre suas pernas.

A negrinha soltou uma risada.

— Xi! O sinhozinho se mijou de gozo!

Os rostos colados, ele podia sentir a respiração pesada da moça, o calor do pescoço dela, que arfava sem parar. Conceição o beijou.

— Sinhozinho já é homem — murmurou.

Ele encaixou o quadril no dela e começou, quase instintivamente, um movimento de vaivém. A urgência era insuportável.

— Mas o que é isso?!

Era dona Amorosina, que, ao deparar com o filho caçula e a escrava deitados no chão, levava a mão ao peito, sem ar.



O comendador Benato Neves serviu um cálice de licor à mulher. Ela continuava indignada com a cena que presenciara.

— O senhor há de entender que eu não quero beber!

— Quem há de entender é a senhora, minha esposa. De agora em diante, não temos mais crianças na casa.

— Ele só tem 15 anos!

— Dezesseis em dois meses — lembrou o comendador. — O nosso meninote já é um homem, senhora.

— É ainda um menino!

— Daqui a pouco começará a escanhoar-se.

— O meu neném! Engalfinhado com uma negra, feito um bicho! Perdão! Ah... o que estou a dizer?

— São atos naturais, mulher! Bem sabes que temos outras coisas com que nos preocupar! Bem sabes!

Assustada com o tom da voz do marido, dona Amorosina tentou se acalmar.

— Isso, respira fundo, devagar. Agora bebe isso.

Ela tomou o pequeno cálice de licor pela haste e apenas molhou os lábios. Depois mudou de ideia e virou tudo numa talagada.

— Devagar, que isso sobe — aconselhou o marido, servindo-se de conhaque.

— Já não me importo mais com nada...

— A senhora precisa se preparar. Nosso filho entrou em estado púbere, como dizem os médicos... Virou homem, como se fala...

— Ele é homem desde que nasceu...

O comendador pigarreou. Precisava escolher bem as palavras. Não podia falar com a mãe de seus sete filhos como falava ao feitor dos seus escravos.

— Casimiro não é mais uma criança... — continuou.

— Tampouco é um adulto! — interrompeu dona Amorosina.

— Arre, mulher! Me deixa falar!

— Desculpe. Fala.

— Casimiro é homem feito agora. E bem sabes que precisamos tomar uma atitude drástica. Em breve ele não poderá se conter.

— Meu neném — choramingou a pobre mulher.

O comendador passou o lenço para a mulher, que se assoou com estrondo e ergueu os olhos suplicantes:

— Não me faças ouvir isso. Temo essas palavras desde que embailei o menino nos braços pela primeira vez...

Impaciente, o comendador afastou uma cadeira do caminho.

— Quem quis mais um filho foi a senhora. Queria porque queria ter uma menina!

A mulher chorou mais alto.

— Para me fazer companhia!

— O mal está feito. Só cabe a nós tomarmos a única atitude sensata. Mais do que isso, uma atitude cristã.

Dona Amorosina deixou-se escorregar na poltrona de damasco vermelho.

— Meu filho caçula!

— Basta, mulher! Basta! Estavas ciente de tudo! Nós não podíamos ter brincado assim com a sorte! Agora o mal está feito — acrescentou. — O sétimo filho varão.

— O que pensas em fazer?

— Há uma guerra nas fronteiras.

— Isso, não! Por quem és, meu marido! Pela saúde de teus outros filhos! Isso, não!

— Abençoada guerra esta. Ele terá a chance de morrer como patriota. E como um... homem — juntou tristemente.

O comendador ia servir-se de mais uma taça, mas mudou de ideia e emborcou a garrafa na boca, bebendo direto do gargalo. E repetiu, enxugando os lábios com as costas da mão:

— Como um homem.



Praia Vermelha, Rio de Janeiro, 3 de fevereiro

– Nome e ocupação – perguntou o major encarregado da triagem enquanto anotava pachorrotamente as informações.

– Antônio Alves Feitosa, senhor.

Quem respondeu foi um voluntário magrinho, que usava um lenço no pescoço. Andava descalço. Casimiro, logo atrás dele, surpreendeu-se com os pés tão pequenos do rapaz.

– Ocupação – continuou o major.

– Vaqueiro.

– Sabes montar?

– Sei, sim, senhor.

– Vais então para a cavalaria.

– Mas me disseram que eu estava pronto para a artilharia, senhor.

– Que seja – disse o homem, sem nem sequer erguer os olhos.

– Artilharia. Assina aqui.

– Não sei escrever.

– Uma cruz basta.

O jovem voluntário, pouco mais que um menino, fez o que lhe mandaram.

– O próximo! – gritou o homem.

O voluntário seguinte se apresentou.

– Nome e ocupação.

– Casimiro Benato Neves, senhor.

O homem ergueu os olhos.

– Parente do comendador Benato Neves, de Salvador?

- Filho.
- Estive com vosso pai na Bahia. Excelente homem. O que fa-
zeis aqui, menino?
- Vou lutar nas fronteiras, senhor.
- Vosso pai sabe que sois voluntário?
- Meu pai foi quem me mandou.
- O homem ainda hesitou um pouco. Depois deu de ombros.
- O comendador há de saber o que faz.



Casimiro foi levado à presença de um cabo, que o conduziu à secretaria do batalhão, onde um sargento abrutilhado o fez jurar bandeira, acompanhado de um homem gordo e enfarado, o oficial de Estado.

Depois, outro cabo, magriço e bigodudo, o conduziu a um quartinho de paredes mofadas e deu a ele um par de sapatos **reïunos**, parte integrante da equipagem fornecida pelo Exército imperial, de ponta rombuda e solado de couro.

– Ficarão grandes, senhor — observou Casimiro.

– Enche a biqueira com papelão, soldado. Pois agora és um soldado, não deves reclamar. Esta é a vida na caserna. Ou estás pensando que isto aqui é a casa da mamã?

O mal-humorado ainda jogou em seus braços um gorro e uma jaqueta de pano ordinário. “Onde está a pompa do Exército?”, pensou Casimiro. “Esse homem não limparia as botas de meu pai, contudo aqui é meu superior... Estou bem-arranjado!”